

TENHA MEDO. ANOITECEU NOVAMENTE...

por Leandro Lima Rodrigues

Gustav estava vivendo seu pior dia. Disso ele tinha certeza.

No meio da floresta, que a cada passo parecia mais e mais como algo saído de um pesadelo pensado por uma mente totalmente sórdida, ele era repetidamente açoitado pelas vinhas espinhosas que agarravam os fios de suas vestes e rasgavam a carne, causando ardência e desconforto. Os sons da natureza há muito haviam cessado, deixando espaço para a imaginação assustada do ferreiro preencher como bem quisesse. E ele, tendo nascido em Água Ruidosa há trinta e cinco anos, conhecia todas as histórias sobre a Floresta Atroz.

Em sua mente, as últimas horas da tarde foram revividas ininterruptamente, como num ciclo de más decisões. Correndo contra o tempo, ele, junto de seu fiel mastim chamado Kraug, adentravam cada vez mais na “área proibida” da Floresta. Gustav realmente não conseguia controlar seus pensamentos que, já energizados pela adrenalina das quatro últimas horas de busca, diziam que ele estava perto demais dos limites estabelecidos pelo Monstro. Que ele deveria desistir, deveria voltar. Que seu mastim estava cada vez mais assustado e isso indicava que realmente tudo estaria perdido. Ele percebeu logo em seguida que seu cão não estava mais ao seu lado.

Girando sobre os calcanhares, ele parou. Tentou fazer sua respiração se acalmar, como se tentasse ouvir os sons de seu fiel amigo chafurdando atrás de alguma criatura rastejante, guloso que era. Dentro de alguns segundos, reconfortou-se, ele apareceria em meio aos arbustos espinhentos que pareciam não afetá-lo, de cauda abanando, como se nada tivesse acontecido. “Animal burro”, ele disse entredentes.

Controlando os sons que saíam de suas narinas infladas com a mão direita, ele perseguiu a escuridão, em busca de Kraug. Nada, nem um som se fazia ouvir em parte alguma. Gustav sentia que seu coração poderia sair pela boca, tamanha era sua ansiedade.

Ele decidiu retornar alguns metros, na esperança de encontrar o mastim um pouco mais atrás na trilha precária de vinhas. E só então ele notou que a noite havia chegado. E esse fato consumiu os últimos fiapos de coragem que tinha. Gustav começou a correr. Muito.

.....
A criatura sentiu o cheiro de sangue de muito longe. Imediatamente suas presas afloraram em sua gengiva. Sua boca salivou e ela se pôs a ouvir. Atentamente. Um bater de asas mamíferas aqui, um piado acolá. Ela sentia que sua presa estava vindo em sua direção. Quente, forte, viva. Um saco enorme de energia vital pronto para o abate.

Saltando pelas copas retorcidas das árvores negras, a criatura percebeu que ficava cada vez mais fácil lidar com suas novas habilidades. Que lhe era mais fácil estender seus sentidos e habitar seres rastejantes sempre que quisesse. Ela decidiu fazê-lo, só por diversão. Concentrando-se por alguns instantes, tudo aconteceu como um empuxo, como se sua consciência estivesse sendo afunilada para dentro de uma garrafa. Uma garrafa muito pequena e cheia de medo.

Abrindo seus novos olhos, a criatura entendeu que habitava o corpo de algum mamífero roedor. Um rato, talvez? Ela sentia o medo da consciência primitiva do animal tentando em vão expulsar o invasor. A criatura riu e fez uma nota mental: caçar o roedor assim que sua missão fosse concluída. O animal se acovardou e instintivamente parou de lutar pelo domínio do corpo.

A criatura, agora dotada do tamanho exato para atravessar as paliçadas do vilarejo localizado a menos de 2 quilômetros ao norte, seguiu seu caminho até onde o cheiro deveria estar. Ela concordou consigo mesma e decidiu usar esta mesma tática na noite seguinte, para visitar seus antigos amigos.

Cada vez mais próximo, o rato-criatura avistou um cão. Enorme, com pinturas ritualísticas ou de enfeite por todo seu dorso. Parecia ser um animal treinado, pois ele estava com uma coleira cheia de cravos e ficava dando voltas ao redor do cadáver alquebrado de uma menina de cabelos avermelhados. Menina essa que fora a refeição da noite anterior da criatura. Seu corpo ainda apresentava os traços da violência que sofrera.

Ele sentiu o corpo do roedor tremer diante da lembrança de como foi deliciosamente fácil rastrear a jovem pela floresta. Como ela havia chegado perto demais de seu ninho. Como ela estava apavorada e como seu medo preencheu seu corpo de um gosto mais ácido do que de uma pessoa normal. E esse gosto o viciara. A criatura então sentiu a sede novamente.

Animado, o vampiro abandonou o controle mental sobre o rato e rapidamente chegou até o local onde o enorme cão aguardava. Seu dono talvez? Jantar E sobremesa? O vampiro riu de si mesmo. Quando em vida, ele vivia de dieta.

.....
Gustav chegou onde acreditava ser o local onde havia visto Kraug pela última vez. Uma ideia de gritar o nome do cão passou por sua cabeça, mas foi logo eclipsada pelo fato de que ele sabia ser uma péssima ideia. Que se ele ainda não tivesse sido detectado pelos vigias da floresta, um grito seria tudo que o separava do destino de ser atacado por elas. Pensando nisso, um calafrio percorreu sua espinha e ele sacou sua adaga. Presente de seu pai durante a última guerra, Gustav guardava essa lâmina como se fosse um tesouro. E realmente o era, pois a lâmina parecia ter sido banhada com alguma substância que impedia que ela enferrujasse ou sequer ficasse sem corte. Ela era a ferramenta mais usada em sua oficina, para cortar tiras de couro que mais tarde eram entrelaçadas e serviam de sustentação para os arreios dos cavalos e das raras armaduras encomendadas por algum viajante.

E foi então que tudo piorou nos arredores da Floresta Atroz no Vale Cinzento.

Selûne, brilhante como uma noiva em um altar de mármore, saiu da cobertura de nuvens e Gustav pode ver que estava em pé num local que mais parecia ser a parte de trás de um açougue. Havia uma substância negra por todo o chão. E em suas roupas. Seus mocassins estavam recobertos desta substância negra e gelatinosa. O cheiro indicava ser somente uma coisa: sangue.

Desesperado, ele esqueceu toda a cautela e gritou o nome de seu cão. Bem alto! O som se propagou pela floresta, como se ele estivesse dentro de uma caverna. Olhando ao redor, em busca de seu animal,

ele sentia que as árvores, agora com aparência mais monstruosa, pareciam estender suas garras, como se quisessem agarrá-lo.

Ouvindo um estalido atrás de si, perto de um conjunto de arbustos espinhentos onde a maior parte do sangue pisado parecia se concentrar, Gustav o avistou.

Ele viu primeiro seus olhos: vermelhos, como duas brasas recém saídas do fogo, como ferro incandescente quando está no ponto para ser moldado. Eram olhos de pura maldade. E fome.

Ele instintivamente deu um grande passo para trás. Adaga em punho, mão erguida na altura do peito, como se ela fosse seu escudo, sua proteção.

O monstro riu. O som era algo que Gustav jamais havia ouvido antes e, ao mesmo tempo, era como se fosse algo horivelmente familiar. Um som que seus ouvidos se recusavam a aceitar como sendo “dele”.

Aproximando-se, a criatura o mediu dos pés a cabeça. Ela sorriu, mostrando sua fileira de dentes afiados.

“Olá Gustav. Como tem passado, velho amigo?”, perguntou o monstro, com um tom de desdém em sua voz. “Você envelheceu muito, não foi? Quanto tempo faz? Cinco? Dez anos? Como está sua esposa Reela?”

Gustav ainda não queria acreditar em seus ouvidos.

“Que Kelemvor o carregue, Nexull. O que você está fazendo ainda vivo?” indagou Gustav, mais como uma constatação do que uma pergunta legítima. “Os aventureiros não tinham acabado com sua raça há vinte anos atrás, seu ser imundo?”, vociferou.

Nexull soltou uma gargalhada forte, ao mesmo tempo em que sua velocidade superior o fez chegar num piscar de olhos ao lado de seu antigo amigo. Rapidamente, ele agarrou o pescoço de Gustav, erguendo-o do chão com facilidade.

O grande ferreiro se debateu, perfurando o tórax do monstro com sua adaga. Aparentemente sem efeito. Nexull usou sua força descomunal para esmigalhar a mão de seu amigo, fazendo-o derrubar a adaga.

“Vocês deveriam ter dado ouvidos às lendas daquele bardo, Gustav”, explicou Nexull, deliciando-se a cada palavra. “Ele estava certo em tudo que disse sobre a Cripta do Bruxo. Eu estive lá e voltei ainda mais forte”, disse apontando para si.

De repente um brilho de entendimento passou pelos olhos rubros do vampiro, que emitiu um som bestial de prazer.

- “Mas é claro”, disse ele, “tenho uma surpresa para você”, continuou. “Devo acreditar que a jovem ruiva perdida na floresta é a pequena Sniven, não? Sua mais nova? “, perguntou o monstro. “Esqueci-me de que o tempo passou para todos vocês, que cabeça a minha”, terminou, recriminando a si mesmo, quase como uma chacota.

Gustava arregalou os olhos e tentou responder mesmo com o aperto mortal esmagando sua traquéia e ameaçando a arrancar sua cabeça.

“Maldit... se...coloc...as...mãos...nela...eu...”, tentou completar. O vampiro o interrompeu de imediato visivelmente irritado.

“Longe de mim querer separar uma família tão bela. Venha, Gustav. Venha ver o que fiz com sua pequena cabelos de fogo”. E riu.

Gustav não conseguiu gritar quando a viu sob os restos despedaçados de seu poderoso Krag.